

# Bush promete ajudar Argentina

**Posição do presidente  
constrasta com  
indiferença demonstrada  
em relação ao Brasil**

**BUENOS AIRES** — Dois dias depois de o secretário do Tesouro norte-americano, Nicholas Brady, ter reafirmado às autoridades econômicas brasileiras que a negociação da dívida externa é um assunto “estritamente” entre o governo e os bancos credores, o presidente George Bush disse ontem, em Buenos Aires, que os Estados Unidos “poderão ajudar” a Argentina a chegar a um acordo com seus credores privados.

“Como o presidente Carlos Menem sabe, as negociações são entre seu governo e os bancos”, ressaltou Bush. Mas ficou claro o contraste entre a disposição de Bush, de assumir compromisso de apoio ao governo de Menem,

e a atitude passiva, de quase indiferença, adotada em Brasília.

Sobre as formas de apoio que os Estados Unidos poderiam adotar para estimular os investimentos de capital de risco americano na Argentina, Bush mencionou o programa da Overseas Private Investment Corporation (Opic), uma agência do governo que dá garantias a investimentos no Exterior. Bush lembrou também que os EUA podem apoiar a Argentina por meio de outras agências, como o Eximbank. “Há muitas outras formas bilaterais e multilaterais que podemos utilizar em favor do programa de liberalização da economia argentina”, disse. Ele elogiou “a coragem do presidente Menem” de executar seu plano de privatização.

As declarações de Bush certamente serão notadas em Brasília. Em termos de números, a situação da dívida externa argentina não é muito diferente da do Brasil. O país deve mais de US\$ 6 bilhões de juros em atraso. Em abril,

depois de mais de dois anos sem pagar, o governo Menem concordou em entregar aos bancos todo mês US\$ 40 milhões. Essa quantia representa cerca de 15% do total do que a Argentina deveria pagar e não é proporcionalmente muito mais que a oferta feita pelo Brasil aos credores privados. Mas ela foi suficiente para preservar o acordo do país com o FMI e manter um clima cordial entre o governo Menem e os bancos.

A referência de Bush à disposição americana de mobilizar os recursos dos organismos multilaterais e do Eximbank para apoiar um programa de investimentos na Argentina também é significativa. No caso do Brasil, os EUA assumiram posição inversa, sob a alegação de falta de progressos nos entendimentos com os bancos, atribuída à relutância do governo Collor de fazer um gesto de boa vontade no caso dos juros. O acesso do Brasil a créditos do Eximbank, do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento está nesse momento bloqueado.